

## O APROVEITAMENTO DAS VARIANTES NA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS DISCURSOS ETNOLITERÁRIOS.

### L'UTILIZATION DES VARIANTES DANS L'ANALYSE SEMIOTIQUE DES DISCOURS ETNOLITTERAIRES

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista  
CNPq/UFPB/PPGL  
[mariadefatima.mbatista@gmail.com](mailto:mariadefatima.mbatista@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho procura mostrar como se faz o aproveitamento das diferentes versões de um romance oral para submetê-lo, posteriormente, à análise semiótica. Além da Semiótica de linha francesa, utilizamos os pressupostos teóricos da etnoliteratura, entre os quais, o percurso metodológico utilizado por João David Pinto Correia para análise do texto oral, em sua tese de doutorado: *Os romances Carolíngios da tradição oral Portuguesa* (1993). O *corpus* constou de diferentes versões do romance oral *O Cego* publicadas no Nordeste do Brasil, de que fizemos a segmentação temático-figurativa para estabelecer as variações semioticamente pertinentes.

**Palavras Chave:** Discursos etnoliterários, Romance Oral, Semiótica

**Résumé:** Cet article montre comment utiliser les différentes versions d'un roman oral pour le soumettre, plus tard, à l'analyse sémiotique. Au-delà de la Sémiotique de direction française, nous utilisons les hypothèses théoriques de la etnolittérature, y compris l'approche méthodologique utilisée par John David Pinto Correia pour l'analyse de texte oral, dans sa thèse de doctorat: *Les romans carolingiens dans tradition orale portugaise* (1993). Le *corpus* s'est composé de différentes versions du roman oral, publié dans le Nord-ouest du Brésil, dont nous avons fait la segmentation thématique-figurative pour établir les variations sémiotiquement pertinentes.

**Mots clés:** Discours etnolittéraire, roman orale, semiótica

#### Introdução:

Diz-se etnoliterário o estudo que se dedica ao levantamento e análise de textos literários populares tradicionais, de que se comparam variantes, buscam-se as origens, resgatando-os para posteridade. Pais (2005:05) considera que, nos discursos etnoliterários, falta verossimilhança. Seus autores, na maioria das vezes, não são conhecidos e o sujeito enunciador é comumente apagado ou substituído por um ente imaginário ou virtual. As marcas de tempo e espaço do enunciado, ou não existem, ou são vagas, produzindo um efeito de atemporalidade e do não-lugar. O sujeito enunciador é um ente coletivo que ressurgue sempre que os textos são retomados. Não são documentais como os textos da história científica, mas recriam outro tipo de memória social que tem:

*“um sentido de permanência, dizem da natureza humana e podem, por isso, ser considerados como representantes de formas de humanismo... Incorporam, sustentam, caracterizam uma identidade cultural, representando um saber compartilhado sobre o mundo”* (Pais, 2005).

Este trabalho procura mostrar como se fez o aproveitamento das diferentes versões do romance oral *O Cego* para submetê-lo à análise semiótica. Além da Semiótica de linha francesa, utilizamos os pressupostos teóricos da etnoliteratura, entre os quais, o percurso metodológico utilizado por João David Pinto Correia para análise do texto oral, em sua tese de doutorado: *Os romances Carolíngios da tradição oral Portuguesa* (1993). O *corpus* constou de diferentes versões do romance oral “o Cego”, publicadas no Nordeste do Brasil, de que fizemos a segmentação temático-figurativa para estabelecer as variações semioticamente pertinentes.

Segundo Garret (1971), o romance oral *O Cego* tem como referência histórica os disfarces do rei James da Escócia (1512-1542), pai de Maria Stuart, que costumava vestir-se de cego e maltrapilho para conquistar suas amantes em vilarejos e bairros pobres da periferia da cidade. Depois do ocorrido, celebrava seus feitos em trovas. Atribuídas à lavra desse rei, o autor cita as baladas — *The Goberlunzie man* e *The Jolly Beggard* — bastante semelhantes, no conteúdo e na forma, ao Cego português. Para ele, existe semelhança maior no *Goberlunzie*, ressaltando ser “*todo inteiro o cego da nossa história, menos em certos incidentes que são mais poéticos e mais interessantes na composição portuguesa.*” (vol. III : 160)

O Bispo Percy na sua coleção “Percy's Reliques of Ancient English Poetry” (apud Cascudo, C. 1984: 210) inclui a balada referida, cujo início é:

*“The pauky auld earle come ovir the lee  
wi' mony good-eens and days to mee,  
Saying: Goodwife for zour courtesie,  
Will ze lodge a silly poor man?”*

### **Organização textual. Segmentação**

A narrativa se concentra na figura de um cavaleiro, de alta nobreza, que se apaixona por uma jovem de condição humilde que morava com a mãe. Em acordo estabelecido com a própria mãe, finge-se de cego e maltrapilho e vai bater à porta da jovem (de nome Helena ou Aninha), cantando e pedindo esmola (pão e vinho). Aninha

(Helena) reluta em dar, mas a mãe interfere, ordenando-lhe que atenda ao pedido do cego. Este, entretanto, rejeita a esmola, afirmando preferir que a jovem lhe ensine o caminho. Com o consentimento da mãe, ela parte e logo depois descobre ter sido vítima de um engodo: o rapaz não era cego, nem pobre, mas um nobre cavaleiro, senhor de uma rica cavalaria que se fez de cego para poder roubá-la. Em algumas versões (a maioria), Aninha se entristece com o fato, sobretudo ao descobrir que a mãe tinha entrado em acordo com o raptor:

*“Adeus minha mãe, adeus meu jardim, adeus minha mãe que  
foi **falsa** a mim / Adeus minha mãe que tão falsa me foi.”*  
(CE5)

Em outras, todavia, embora reconhecendo ter sido enganada, alegra-se em virtude da posição elevada que passará a ocupar:

*“Adeus minha casa, adeus meu jardim / Adeus minha mãe  
que foi **boa** prá mim.”* (CE2)

Levantamos cinquenta e nove versões em diferentes romances publicados no Nordeste do Brasil: ROMERO, Sílvio (1897/1954); Pereira da Costa (1974); LIMA (1972); VILELA (1983); ALCOFORADO E ALBAN (1987); GALVÃO (1993) e o nosso, ainda inédito que contém versões recolhidas desde 1988 até a presente data. Cada versão foi codificada com a sigla CE (de cego), seguida de um numeral ordinal, indicativo da variante e identificada com os dados do informante, comunidade pesquisada e pesquisador, como no exemplo seguinte:

*CE1 - O CEGO (V<sub>c</sub>) recitado por Maria José da Silva  
(Maria do Carneiro) 97 anos, doméstica Escada. Cabo,  
Abrigo São Francisco, coletado por Maria de Fátima B.  
de M. Batista, em 14 de janeiro de 1988*

O romance em análise resulta da articulação de quinze segmentos temáticos figurativos de extensão variável. Alguns têm apenas um hemistíquio (como o S<sub>g2</sub>) e outros apresentam vários (S<sub>g9</sub> na versão 13). Vejamos, a seguir, os segmentos enumerados de 1 a 15:

S<sub>g1</sub> — Batida ou chamada do suposto cego à porta

S<sub>g2</sub> — Sondagem da jovem (ou da sua mãe). Recusa da jovem em  
abrir a porta

- S<sub>g3</sub> — Apresentação e pedido do cego
- S<sub>g4</sub> — Pedido de Aninha/Helena/Maria à mãe ou vice-versa para que acorde e tome conhecimento da presença do cego.
- S<sub>g5</sub> — A mãe ordena à filha que dê esmola ao cego e/ou que a deixe dormir.
- S<sub>g6</sub> — O cego recusa a esmola e faz um novo pedido: que a menina o guie.
- S<sub>g7</sub> — A mãe ordena que a menina guie o cego
- S<sub>g8</sub> — Aninha/Helena/Maria/a menina deixa a roca e o linho e ensina o caminho ao cego. Despede-se dele depois.
- S<sub>g9</sub> — O cego insiste para que Aninha/Helena/Maria ande mais um bocadinho
- S<sub>g10</sub> — Aninha/Helena/Maria pede para ele ir ligeiro/espanta-se ao ver uma cavalaria se aproximando/ou o castelo. Desconfia do cego
- S<sub>g11</sub> — O cego revela o motivo da mentira e/ou a participação da mãe no rapto e/ou obriga-a a subir no cavalo.
- S<sub>g12</sub> — Aninha/Helena/Maria se despede (mãe/casa/jardim) e considera a mãe boa (em V<sub>b</sub>) e má (V<sub>a</sub>, V<sub>c</sub> e V<sub>d</sub>), caso em que se lamenta e pede socorro à mãe ou à madrinha/pede para elas virem buscá-la (V<sub>d</sub>). Tristeza/alegria da jovem.
- S<sub>g13</sub> — O cego ordena que as portas e janelas estejam abertas e/ou que o cachorro deixe de ladrar para acolher-la.
- S<sub>g14</sub> — A mãe noticia a fuga da filha à vizinha.
- S<sub>g15</sub> — A vizinha não parece gostar do fato, ao responder que vai colocar as filhas dela na peia.

No S<sub>g4</sub>, quando é a filha que fala, pode-se considerar que houve um pedido com o respeito exigido pelo seu estado, o que se comprova no uso da segunda pessoa do imperativo:

*“Minha mãe, acordai*

*E deixai-vos de dormir  
Andai ouvir um cego  
A cantar e a pedir.” (CE13)*

No entanto, sendo a mãe o falante, tem-se uma ordem autoritária, dirigida à filha sem admitir recusa, com o uso do verbo, na segunda pessoa do singular. Eis o exemplo:

*“Levanta-te, Aninha  
Do doce dormir  
Anda ver pobre  
Cantar e pedir.” (CE15)*

A ausência do artigo antes de *pobre* tem uma força relevante: não é ver qualquer um, mas ver pobre. Generaliza e, sendo apelativa, destaca, acentua mais a pobreza para convencer a filha.

O segmento S<sub>g5</sub> vem, em algumas versões, bipartido, juntando elementos (=a ordem de guiar o cego) que em outras (a grande maioria) formam um segmento independente, o S<sub>g7</sub>.

Certas versões trazem o S<sub>g7</sub> implícito, não deixando claro se a mãe ordena, ou se a filha vai simplesmente porque o cego pediu.

A maioria deixa o contato anterior da mãe com o cego no domínio da pressuposição, somente a versão (CE14) o traz claro:

*“Para consentires comigo casar / tua mãe mandou te fosse  
furtar.”*

Fizemos, em seguida, um quadro-resumo dos segmentos e dos hemistíquios de que cada um se compõe distribuídos nas diferentes versões examinadas, com as frequências — absoluta e relativa — de cada um. Aqui, entretanto, devido a especificidade deste trabalho, apresentamos, apenas, os resultados desta análise. Observamos que nenhuma versão se acha completa, ou seja, apresentando os quinze segmentos. Em ordem decrescente, partindo da mais a menos numerosa, vejam-se os resultados:

**Quadro I - Ordenação decrescente dos segmentos**

| <b>Versões</b> | <b>Segmentos</b> |
|----------------|------------------|
| CE39           | 13               |
| CE57           | 11               |
| CE40           | 11               |
| CE13           | 11               |
| CE59           | 10               |
| CE35           | 10               |
| CE33           | 10               |
| CE21           | 10               |
| CE17           | 10               |
| CE16           | 10               |
| CE9            | 9                |
| CE29           | 9                |
| CE24           | 9                |
| CE15           | 9                |
| CE6            | 8                |
| CE5            | 8                |
| CE34           | 8                |
| CE30           | 8                |
| CE28           | 8                |
| CE20           | 8                |
| CE19           | 8                |
| CE14           | 8                |
| CE11           | 8                |
| CE10           | 8                |
| CE58           | 7                |
| CE42           | 7                |
| CE38           | 7                |
| CE25           | 7                |
| CE23           | 7                |
| CE43           | 6                |
| CE37           | 6                |
| CE3            | 6                |
| CE27           | 6                |
| CE26           | 6                |
| CE1            | 6                |

|      |   |
|------|---|
| CE4  | 5 |
| CE2  | 5 |
| CE18 | 5 |
| CE12 | 5 |
| CE8  | 4 |
| CE54 | 4 |
| CE47 | 4 |
| CE45 | 4 |
| CE41 | 4 |
| CE36 | 4 |
| CE31 | 4 |
| CE55 | 3 |
| CE53 | 2 |
| CE52 | 2 |
| CE51 | 2 |
| CE50 | 2 |
| CE49 | 2 |
| CE48 | 2 |
| CE46 | 2 |
| CE44 | 2 |
| CE32 | 2 |
| CE22 | 2 |
| CE7  | 1 |
| CE56 | 1 |

Os segmentos foram agrupados, em ordem decrescente, no quadro a seguir:

**Quadro II - Identificação dos segmentos por versões (em ordem decrescente)**

| <b>Nº de Versões em que aparecem</b> | <b>Identificação dos segmentos</b> |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| 48                                   | $S_{g5}$                           |
| 44                                   | $S_{g11}$                          |
| 41                                   | $S_{g6}$                           |
| 38                                   | $S_{g10}$                          |
| 36                                   | $S_{g12}$                          |
| 31                                   | $S_{g9}$                           |

|    |                                   |
|----|-----------------------------------|
| 27 | $S_{g1}$                          |
| 25 | $S_{g2}$                          |
| 24 | $S_{g3}$                          |
| 16 | $S_{g7}$ e $S_{g8}$               |
| 11 | $S_{g4}$                          |
| 3  | $S_{g13}$ , $S_{g14}$ , $S_{g15}$ |

Verificamos, ainda, a distribuição das versões por segmentos que pode ser visualizada no quadro seguinte:

**Quadro III - Distribuição das versões por segmentos**

| Segmentos | Versões em que aparecem   |
|-----------|---|
| $S_{g1}$  | CE5,CE6,CE9,CE10,CE11,CE13,CE16,CE17,CE19,CE20,CE21,CE23,CE24,CE28,CE29,CE30,CE33,CE34,CE35,CE37,CE38,CE39,CE40,CE43,CE54,CE57,CE59   |
| $S_{g2}$  | CE5,CE6,CE9,CE10,CE11,CE13,CE16,CE17,CE19,CE20,CE21,CE23,CE24,CE28,CE29,CE33,CE34,CE35,CE37,CE40,CE42,CE43,CE47,CE57,CE59   |
| $S_{g3}$  | CE1,CE3,CE13,CE14,CE15,CE25,CE27,CE28,CE29,CE30,CE31,CE32,CE33,CE34,CE35,CE37,CE38,CE39,CE40,CE41,CE43,CE44,CE45,CE47,CE49,CE58   |
| $S_{g4}$  | CE1,CE3,CE13,CE14,CE15,CE25,CE26,CE27,CE28,CE29,CE30,CE31,CE32,CE33,CE34,CE35,CE37,CE38,CE39,CE40,CE41,CE43,CE44,CE45,CE47,CE49,CE58  |
| $S_{g5}$  | CE1,CE2,CE3,CE5,CE6,CE7,CE8,CE9,CE10,CE11,CE12,CE13,CE14,CE15,CE16,CE17,CE18,CE19,CE20,CE21,CE22,CE23,CE24,CE25,CE26,CE27,CE28,CE29,CE30,CE31,CE32,CE33,CE34,CE35,CE37,CE38,CE39,CE40,CE41,CE43,CE44,CE45,CE47,CE49,CE52,CE54,CE55,CE57,CE58,CE59 |

|           |  |
|-----------|--|
| $S_{g6}$  | CE1,CE2,CE3,CE4,CE5,CE6,CE9,CE10,CE11<br>CE12,CE13,CE14,CE15,CE16,CE17,CE18,<br>CE19,CE20,CE21,CE22,CE23,CE24,CE25,<br>CE26,CE27,CE28,CE29,CE30,CE31,CE33,<br>CE34,CE35,CE36,CE37,CE39,CE40,CE45,<br>CE47,CE49,CE52,CE57,CE58,CE59 |
| $S_{g7}$  | CE3,CE4,CE6,CE10,CE11,CE12,CE13,CE14,<br>CE15,CE17,CE21,CE24,CE34,CE39,CE58,<br>CE59   |
| $S_{g8}$  | CE5,CE9,CE13,CE15,CE16,CE21,CE29,CE30,<br>CE35,CE38,CE39,CE40,CE41,CE42,CE45,<br>CE46,CE48,CE50,CE51,CE57  |
| $S_{g9}$  | CE1,CE5,CE8,CE13,CE14,CE15,CE16,CE17,<br>CE18,CE19,CE20,CE25,CE26,CE27,CE29,<br>CE30,CE35,CE38,CE39,CE40,CE41,CE42,<br>CE48,CE50,CE51,CE53,CE54,CE57,CE59  |
| $S_{g10}$ | CE1,CE2,CE4,CE8,CE9,CE14,CE15,CE16,<br>CE17,CE18,CE20,CE21,CE23,CE24,CE25,<br>CE26,CE27,CE28,CE29,CE30,CE31,CE33,<br>CE35,CE36,CE37,CE38,CE39,CE40,CE41,<br>CE42,CE48,CE50,CE53,CE55,CE56,CE57,<br>CE58,CE59                       |
| $S_{g11}$ | CE1,CE2,CE3,CE4,CE5,CE6,CE8,C9,CE10,<br>CE11,CE12,CE13,CE14,CE15,CE16,CE17,<br>CE18,CE19,CE20,CE21,CE23,CE24,CE25,<br>CE26,CE27,CE28,CE30,CE33,CE34,CE35,<br>CE36,C37,CE38,CE39,CE40,CE43,CE54,<br>CE57,CE58,CE59                  |
| $S_{g12}$ | CE28,CE30,CE33,CE34,CE35,CE37,CE38,<br>CE39,CE40,CE43,CE55,CE57,CE58,CE59  |
| $S_{g13}$ | CE29,CE40,CE57   |
| $S_{g14}$ | CE33,CE39,CE42   |
| $S_{g15}$ | CE33,CE39,CE42   |

Os segmentos  $S_{g5}$  e  $S_{g11}$  foram os que mais resistiram à ação do tempo, logo seguidos de  $S_{g6}$ ,  $S_{g10}$  e  $S_{g12}$ . Os demais tendem a uma frequência que varia de mediana (9,1,2,3) à baixa (7,8,4,14,15). Os de frequência alta e mediana representam o conteúdo núcleo do texto, bem como, a aceitação popular. Os de frequência baixa mostram o pouco apreço na preferência popular.

A versão mais completa é como ficou dito, a  $CE_{39}$ , versão anônima, recolhida em Lagartos por Sílvia Romero em sua obra *Cantos Populares do Brasil*, logo seguida de  $CE_{57}$ , trazida por José Aloísio Vilela no *Romanceiro Alagoano*,  $CE_{40}$ , também anônima e recolhida em Lagartos por Sílvia Romero e  $CE_{13}$ , anônima de Pernambuco, recolha de Pereira da Costa. Tendo sido o livro, inicialmente, publicado sob forma de folhetim de jornal, em 1909, supõe-se que as variantes sejam de data anterior à essa. As que recolhemos na Paraíba e em Pernambuco, no máximo, apresentaram nove segmentos ( $CE_9$ ), portanto, quatro a menos do que a mais completa, antes referida (de Sílvia Romero).

Além de ser a mais completa, a  $CE_{39}$  é a mais extensa, apresentando setenta e dois hemistíquios. Como é uma entre as mais antigas, observou-se uma redução de quase 50% na extensão do romance, em relação à coleta mais recente.

O exame da textualização permitiu observar a existência de cinco naturezas de versões (aqui codificadas pelo grafema **V**, seguido de uma letra: a,b,c,d, e): grupo a ( $V_a$ ) onde Aninha/Helena não gostou do contrato da mãe com o cego e por isso tenta libertar-se; grupo b ( $V_b$ ) em que Aninha/Helena não levanta oposição ao desejo da mãe, antes alegra-se com o fato; grupo c ( $V_c$ ) corresponde a  $V_a$ , eliminando-se a tentativa de libertação (Aninha/Helena resigna-se à vontade da mãe); grupo d ( $V_d$ ) acrescenta a  $V_c$  o fato de a mãe de Aninha retirar de si a própria culpa para jogá-la na filha e o grupo e ( $V_e$ ) que elimina toda a opinião de Aninha sobre a mãe, ficando isentas de análise sob este aspecto.

### **Análise das estruturas narrativas**

O Sujeito Semiótico 1- $S_1$ , figurativizado pelo suposto cego, que é na verdade um chefe de cavalaria, nobre e rico, tem por Objeto de Valor principal a mulher amada, no caso Aninha (Helena Maria, ou, simplesmente, a menina). Impulsionado pela paixão (que neste caso vai funcionar como Destinator) o  $S_1$  elabora um plano para obtê-la com o auxílio da mãe de Aninha, preocupada que está em elevar o *status* social da filha. A

natureza da versão examinada origina uma modificação no sistema actancial do percurso do S<sub>1</sub>. Em V<sub>a</sub>, V<sub>e</sub> e V<sub>d</sub> Aninha/Helena funciona como Anti-Sujeito uma vez que demonstra um não-querer o S<sub>1</sub>, desejando, apenas, permanecer em casa em companhia da mãe:

*“Sou condessa agora            Contra o meu querer;  
Minha mãe o quis    Que hei de fazer?”* (CE14)

O Adjuvante é a mãe ao obrigar a filha a ajudar o suposto cego; o Oponente é a própria Aninha quando se nega a ajudá-lo, ou quando toma a decisão de retornar à casa da mãe e pede ajuda à madrinha e à mãe (em V<sub>d</sub>).

Nas versões do grupo b (V<sub>b</sub>), Aninha/Helena não levanta oposição ao interesse do cavaleiro e em vista disso, juntamente com a mãe, vai funcionar como Adjuvante. Na obtenção da mulher amada, o S<sub>1</sub> segue um percurso constituído de três momentos.

No primeiro momento, o S<sub>1</sub> decide-se pelo casamento/amasiamento (OV<sub>2</sub>) e, para isso, procura a mãe da jovem por ele escolhida, a fim de estabelecer um contrato (OV<sub>3</sub>). Em comum acordo com a mãe que se torna em vista disso Destinadora da ação, o S<sub>1</sub> toma a decisão de raptar Aninha/Helena (OV<sub>4</sub>):

*“Para consentires    Comigo casar,  
Tua mãe mandou    Te fosse furtar.”* (CE14)

O rapto é uma contravenção da lei e da moral, os quais devem ser considerados os Anti-Destinadores, sendo Aninha/Helena o Oponente em V<sub>a</sub>, V<sub>c</sub> e V<sub>d</sub> e Adjuvante, em V<sub>b</sub>. Funcionam ainda como Adjuvantes os demais membros da cavalaria do nobre que se encontram no caminho/estrada, a fim de acompanhá-los na fuga. Aninha aparece ainda como Anti-Sujeito em V<sub>a</sub>, V<sub>b</sub> e V<sub>d</sub>.

Em V<sub>b</sub>, Aninha/Helena por alegrar-se com o fato de tornar-se uma condessa, vai ser Adjuvante juntamente com a mãe (no momento em que a manda ajudar) e os membros da cavalaria do nobre. A inexistência da rivalidade faz sair do esquema a função de Anti-Sujeito.

Depois do planeamento com a mãe da jovem, o S<sub>1</sub> inicia o segundo momento do percurso que corresponde à realização do rapto. Para ajudá-lo, ele convoca seus cavaleiros (OV<sub>5</sub>). Aninha/Helena desconhece as intenções dele e, por isso, receoso de ser rejeitado se lhe disser, o S<sub>1</sub> escolhe o percurso do engano. Enganar Aninha/Helena é o Objeto de Valor 6, tendo como Destinador sua capacidade para burlar (ou talvez a própria mãe de Aninha/Helena). Mais uma vez a ordem social/os costumes e a lei

funcionam como Anti-Destinadores, sendo a mãe Adjuvante (ao aceitar a proposta) e Aninha/Helena Anti-Sujeito em  $V_a$ ,  $V_c$  e  $V_d$ .

O  $S_1$  (nobre) necessita, então, de uma aproximação/conversa com Aninha/Helena ( $OV_7$ ) momento em que pretende desenvolver nela sentimento de piedade ( $OV_8$ ). Utiliza-se, então, de um artifício que é modificar a aparência, deixando-se passar por cego/pedinte de esmola ( $OV_9$ ). Mantêm-se os demais actantes dos programas anteriores. Eis então a esquematização de mais três programas auxiliares:

O passar-se por cego tem como Objetivo convencê-la a distanciar-se da casa ( $OV_{10}$ ) e para isso, pedir-lhe que o guie ( $OV_{11}$ ) pelo caminho/estrada:

A desconfiança de Aninha ao ver que o cego possuía uma cavalaria faz com que o  $S_1$  sinta necessidade de revelar a verdade ( $OV_{12}$ ) sobre ele e seus planos, funcionando Aninha/Helena como Destinadora:

“— *Valha-me Deus e a virgem Maria*  
*Eu nunca vi cego com cavalaria*  
.....

“— *Eu nunca fui cego nem Deus me permita*  
*Eu só me fiz de cego por moça bonita.*” (CE9)

O  $S_1$  leva Aninha/Helena para sua casa/palácio ( $OV_{13}$ ), auxiliado pelos cavaleiros que se tornam, em vista disso, seus Adjuvantes. O último programa do percurso esquematiza-se da forma seguinte:

O  $S_1$  (cavaleiro/nobre) deseja Aninha/Helena, sendo, pois, sujeito de um *querer-ser* marido/amante de Aninha, o que o instaura como Sujeito Semiótico. Pretendendo a mãe e Aninha/Helena (em  $V_b$ ) uma elevação no *status* social, o  $S_1$  já possui, inerentemente, a qualificação necessária, uma vez que é nobre e rico cavaleiro. Portanto ele já é Sujeito de um *poder-ser*. Ele *faz-saber* à mãe de Aninha suas intenções e obtém dela a autorização para *poder-fazer-ser* Aninha/Helena sua esposa/amante, seguindo o percurso que ele mesmo escolheu, ou seja, o rapto. Sendo contravenção da lei, costumes e sociedade, o  $S_1$  modaliza, ainda, um *poder-não-dever-fazer*, embora a infração da lei seja minorada pela autorização da mãe.

Com a vestimenta adequada, o  $S_1$  detém o *poder-fazer-criar* a ela que é cego e pobre, que precisa de esmola (pão e vinho) e de guia; o *poder-fazer-fazer* com que ela o guie pela estrada; o *poder-fazer-saber* a ela que é um nobre, rico e cavaleiro e que a quer por esposa/amante e, finalmente, nas versões do grupo b, o *poder-fazer* Aninha/Helena querê-lo como esposo/amante.

O estado inicial do percurso do  $S_1$  caracteriza-se pela disjunção com seu Objeto de Valor principal (1) que é a mulher amada. O estado de transformação (F) compreende o fazer do próprio  $S_1$  que, levado pela paixão por Aninha/Helena, veste-se de cego, convence-a a abandonar a casa e, por fim, a rapta com a ajuda de seus cavaleiros. O estado final corresponde à conjunção do  $S_1$  com seu Objeto de Valor — Aninha/Helena — que, passará a ser sua esposa/amante, indo morar com ele em seu castelo. O diagrama seguinte descreve o enunciado juntivo:

$$F = [(S_1 \cup OV) \rightarrow (S_1 \cap OV)]$$

que deve ser lido como: **F** corresponde ao fazer transformador em que o  $S_1$  disjunto do seu Objeto de Valor passa a conjunto com o mesmo.

O segundo Sujeito Semiótico- $S_2$ , figurativizado por Aninha/Helena, apresenta um percurso narrativo mais curto do que o do  $S_1$ .

No programa principal, todas as versões deixam claro que o Objeto de Valor do  $S_2$  é ser feliz. Sendo a felicidade ansiada por seres humanos em geral, é a vontade de possuí-la que os move a procurá-la, funcionando, portanto, como Destinator e o próprio Sujeito como Destinatário:

Na tentativa de obter a felicidade, o  $S_2$  desenvolve um percurso cujos valores variam de uma versão para outra.

Em  $V_a$ , aparecem dois momentos. No primeiro, para ser feliz, o  $S_2$  precisa manter-se na pobreza ( $OV_2$ ), permanecendo em casa com a mãe ( $OV_3$ ). O fato de a mãe querer que a filha seja rica (nobre) transforma-a em Anti-Sujeito do  $S_2$ , enquanto que o Destinator é a religião.

A permanência em casa deixa antever que ela ficará sob a custódia da mãe e, portanto, a ela deve obedecer ( $OV_4$ ). Em vista disso, levanta-se ( $OV_5$ ), dá esmola ao cego ( $OV_6$ ) e ensina-lhe o caminho ( $OV_7$ ):

Ao descobrir ter sido vítima de um engodo, o  $S_2$  inicia o segundo momento do percurso que corresponde à tentativa de retorno à casa materna ( $OV_8$ ) e para isso, precisa libertar-se do cego ( $OV_9$ ), pedindo ajuda à mãe e à madrinha ( $OV_{10}$ ). Ocorre uma Auto-Destinação:

*“Vinde minha mãe, E minha madrinha,*

*Venham me buscar*                      *Para a terra minha*” (CE13)

Em  $V_b$ , como nas demais versões, o  $S_2$  tem por Objeto de Valor a felicidade ( $OV_1$ ), diferindo no fato de que a felicidade para ela corresponde a ser rica e nobre ( $OV_2$ ). A obtenção da riqueza ocorrerá mediante o casamento/amasiamento com um jovem rico e nobre ( $OV_3$ ), daí alegrar-se com a escolha feita pela mãe:

“—*Adeus minha casa,                      adeus meu jardim*  
*Adeus minha mãe,    que foi boa prá mim*” (CE6)

O Destinator é a própria mãe; o Anti-Destinator é a religião, funcionando o cego como Adjuvante, da forma seguinte:

Em vista disso, ela deve obedecer à mãe ( $OV_4$ ) quando esta ordena que se levante ( $OV_5$ ), dê esmola ao cego ( $OV_6$ ) o guie pela estrada ( $OV_7$ ). Por fim, o  $S_2$  deve alegrar-se com a escolha feita pela mãe ( $OV_8$ ) embora não tivesse participado dela. Eis o percurso completo do  $S_2$ , que tem apenas um momento:

$V_c$  apresenta a mesma descrição de  $V_a$  sem o fato de Aninha/Helena tentar libertar-se do cego. Ela se entristece com a decisão da mãe, mas não toma nenhuma iniciativa:

“*Sou condessa agora                      Contra o meu querer;*  
*Minha mãe o quis    Que hei de fazer?*” (CE14)

O percurso inclui apenas o primeiro momento de  $V_a$ , acrescentando o Objeto de Valor ( $OV_9$ ) que é entristecer-se com a decisão da mãe:

As versões do grupo  $\underline{d}$  ( $V_d$ ) só apresentam modificação no percurso do  $S_3$ . Quanto ao  $S_2$ , compete a mesma descrição anteriormente proposta para  $V_c$ .

O  $S_2$ , em  $V_a$ ,  $V_c$  e  $V_d$  instaura-se como Sujeito de um *querer-ser* (feliz, pobre) e de um *querer-fazer* (permanecer em sua residência em companhia da mãe). Para atingir o *poder-ser* e o *poder-fazer*, ele se utiliza de um *dever-fazer* (obedecer à mãe, dando esmola ao cego, guiando-o pela estrada), crendo que assim atingiria seu objetivo inicial. Entretanto, ele observa que o caminho escolhido não o levará a obtenção do Objeto de Valor, a felicidade, e retoma o *querer-fazer* (libertar-se do cego, voltar para casa). Infelizmente, embora ele vitorie no *dever-fazer* (obedecer à mãe) que não é a meta

principal, ele se perde no querer e não chega ao *poder-ser* feliz, nem ao *poder-fazer* = voltar para casa. Portanto, ele inicia a narrativa conjunta com seu Objeto de Valor (felicidade e pobreza), mas acaba disjunto do mesmo por um fazer transformador de que é responsável o nobre/cavaleiro (ajudado pela mãe) quando a rapta e a leva para seu castelo/casa, transformando-a depois em esposa/amante e, portanto, nobre e rica, explicando-se através do seguinte enunciado juntivo:

$$F = [(S_2 \cap OV^1) \rightarrow (S_2 \cup OV^1)]$$

Em  $V_b$ , o  $S_2$  se instaura como Sujeito de um *dever-ser* (rica e nobre) e de um *dever-fazer* (casar-se/amasiar-se) com o suposto cego e para isso, obedecer às ordens da mãe que fará a escolha do noivo para ela. Graças ao fazer da mãe ela passa de um estado inicial de disjunção à conjunção com que finaliza a narrativa. Eis o enunciado juntivo que explica:

$$F = [(S_2 \cup OV) \rightarrow (S_2 \cap OV)]$$

O terceiro Sujeito semiótico-**S3** do romance em questão vem figurativizado pela mãe de Aninha/Helena cujo Objeto de Valor é a liberdade ( $OV_1$ ), sendo movida por uma vontade interior que funciona como Destinatário. Os Anti-Destinatários são os costumes e a sociedade, enquanto o suposto cego figurativiza o Adjuvante, juntamente com Aninha/Helena nas versões do grupo b.

Nas versões do grupo a, Aninha/Helena é o Anti-Sujeito da mãe, uma vez que quer continuar a morar com ela:

Livrar-se da filha ( $OV_2$ ), casando-a com um jovem rico e nobre ( $OV_3$ ) é o caminho percorrido pelo  $S_3$  para atingir a liberdade almejada. Os demais actantes permanecem os mesmos do programa principal:

Para casá-la, escolhe um rapaz adequado ( $OV_4$ ) e contrata com ele ( $OV_5$ ) a forma de entregar a filha. Quando ele se apresenta em sua casa, de comum acordo com ela, cobra obediência da filha ( $OV_6$ ), ordenando que se levante ( $OV_7$ ), que dê esmola ao cego ( $OV_8$ ) e que o guie pelo caminho ( $OV_9$ ).

*“Levanta-te, Aninha, do doce dormir / Anda ver pobre  
cantar e te pedir.”* (CE15)

“Vai, Helena, no armarinho pegar pão e vinho pu pobre  
ceguinho.” (CE10)

“Vai, Helena, devagarinho ensinar o caminho a este pobre  
ceguinho.” (CE10)

Mantêm-se os demais actantes da forma seguinte: apenas em  $V_d$ , o  $S_3$  apresenta também um segundo momento do percurso que acontece após o rapto. Para livrar-se da culpa ( $OV_{10}$ ), o  $S_3$  passa para a vizinha a idéia de que a filha fugiu ( $OV_{11}$ ):

O  $S_3$  modaliza o *querer-fazer* = livrar-se de cuidar de Aninha, perante a sociedade, e um *querer-não-dever-fazer*, pois à mãe cabe a tarefa de cuidar dos filhos. Ela detém ainda o *dever-fazer*, quando cobra da filha obediência às suas ordens, ou às leis da religião e da caridade e o *fazer-fazer* quando obtém que Aninha se levante, vá ao armarinho tirar pão e vinho para dar ao cego e, depois, que lhe ensine o caminho. Ela atinge, em todas as ocasiões, a competência necessária, ou seja: o *poder-fazer*, o *poder-não-dever* e o *poder-fazer-fazer*.

O estado inicial se caracteriza pela disjunção com seu Objeto de Valor (a liberdade). Ao raptar Aninha/Helena para torná-la esposa/amante, o suposto cego realiza o fazer transformador que opera sobre o  $S_3$ , tornando-a conjunta com seu Objeto de Valor no estado final, o que pode ser representado no diagrama seguinte:

$$F = [(S_3 \cup OV) \rightarrow (S_3 \cap OV)]$$

### Qualificação dos valores

O espaço seguinte será dedicado à enunciação dos valores positivo/negativo do ponto de vista dos Sujeitos e da sociedade.

| Objetos de Valor | Na concepção dos Sujeitos |            | Na concepção da sociedade |          |
|------------------|---------------------------|------------|---------------------------|----------|
|                  | Positivo                  | Negativo   | Positivo                  | Negativo |
| 1 - Mulher amada | $S_1; S_3$                | $S_2 (V1)$ | <b>X</b>                  |          |

|   |   |                                 |   |   |
|---|---|---------------------------------|---|---|
| 2 - O casamento                             | S <sub>1</sub> ;S <sub>3</sub> e<br>S <sub>2</sub> (em<br>V2) | S <sub>2</sub> (em<br>V1)       |   | X |
| 3 - Ser o amante de Aninha/Helena           | S <sub>1</sub> ; S <sub>3</sub>                               | S <sub>2</sub>                  |   | X |
| 4 - Passar-se por cego/pedinte              | S <sub>1</sub> ; S <sub>3</sub>                               | S <sub>2</sub>                  |   | X |
| 5- Desenvolver em Aninha a piedade/caridade | S <sub>1</sub> ;<br>S <sub>3</sub> ;S <sub>2</sub>            |                                 | X |   |
| 6 - Falar a verdade para Aninha/Helena      | S <sub>1</sub> ;<br>S <sub>2</sub> ;S <sub>3</sub>            |                                 | X |   |
| 7 - Livrar-se dos encargos filiais          | S <sub>3</sub>  | S <sub>1</sub> e S <sub>2</sub> |   | X |
| 8 - Riqueza/nobreza                         | S <sub>1</sub> ; S <sub>2</sub><br>(V2); S <sub>3</sub>       | S <sub>1</sub> (em<br>V1)       | X |   |
| 9 - Casar a filha contra a vontade          | S <sub>3</sub>  | S <sub>2</sub>                  |   | X |
| 10 - Obediência à mãe e ao superior         | S <sub>2</sub>  |                                 | X |   |
| 11 - Pobreza                                | S <sub>2</sub> (em<br>V1)                                     | S <sub>1</sub> ; S <sub>3</sub> |   | X |

### Conclusão:

Observamos que nenhuma versão encontra-se completa, ou seja, apresentando os quinze segmentos. A mais longa é encontrada no romanceiro mais antigo que é de Silvio Romero (1897) e as mais curtas foram encontradas no levantamento que fizemos na Paraíba e em Pernambuco (de 1988 até a presente data). Houve, portanto, uma redução significativa na estrutura formal do romance, o que se pode explicar pelo espaço de tempo decorrido entre as duas recolhas: noventa anos, aproximadamente.

A narrativização de *O Cego* mostrou-se simples, não só pela quantidade de Sujeitos nela envolvidos, como pela ausência de sincretismo actancial envolvendo um único ator, como aconteceu com *Juliana* e *O Conde Alarcos*. É interessante, também,

revelar que apenas um Sujeito, o  $S_2$ , nas versões dos grupos a, c e d, apresenta a disjunção com o estado final. Para todos os outros ( $S_1$ ,  $S_3$  e  $S_2$  em  $V_b$ ) o final se caracteriza pela conjunção, sendo, pois, eufórico. *O Cego* apresenta textualizados apenas Sujeitos enunciadores-enunciatórios atores, portanto, embreados com o enunciado. Não aparece textualizado o narrador. Três são os enunciadores (o cego, a mãe e Aninha/Helena) nas versões a, b e c e quatro em  $V_d$  com o acréscimo da vizinha/comadre. Os enunciatórios são quatro para  $V_a$ ,  $V_b$  e  $V_c$  (o cego, a mãe, Aninha/Helena e os membros da cavalaria) e cinco, em  $V_d$ .

### **Bibliografia:**

ALBÁN, Maria del Rosário Suárez. O Romanceiro Galego na Bahia in **Euro-América: uma realidade comum?** Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Folclore: IBICC/UNESCO: Tempo Brasileiro, 1996: 185-196.

ALCOFORADO, Doralice Xavier e ALBÁN, Maria del Rosário Suárez. **Romanceiro Ibérico na Bahia**. Salvador: Livraria Universitária, 1996.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de. **A tradição ibérica no romanceiro paraibano**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2000.

— **O romanceiro tradicional do Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica**. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Linguística. USP, São Paulo, 1999.

— **O percurso temático-figurativo do romance oral O Conde Alarcos**. Acta Semiótica et Lingvística, vol. 16, p.39-61, 2011

BRAGA, Teófilo. **Romanceiro Geral Português**. Lisboa : Edição fac-similada : Vol. I, II, III: Editora Vega Ltda., 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

— **Literatura Oral no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte : Itatiaia : São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

COSTA, Francisco de Assis Pereira da. **Folk-lore Pernambucano. Subsídio para a história da poesia popular em Pernambuco**. 1 ed. Autônoma. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.

COURTÈS, Joseph. **Introduction à la sémiotique narrative et discursive**. Prefácio de A. J. Greimas. Paris : Hachette, 1976.

— **Sémantique de l'énoncé : applications pratiques**. Paris : Hachette, 1989.

— **Analyse sémiotique du discours. De l'énoncé à l'énonciation**. Paris : Hachette, 1991.

FONTES, Manuel da Costa. **Romanceiro Português dos Estados Unidos**. Coimbra: Atlântida Editora, 1983.

GALVÃO, Hélio. **Romanceiro - pesquisa e estudo**. Natal: UFRN: Fundação Cultural Hélio Galvão: Fundação Sócio Cultural Santa Maria, 1993.

- GARRETT, Almeida. **Romanceiro**. 3 ed. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1971.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens. Essais sémiotique**. Paris : Seuil, 1970.
- O contrato de veridicção, tradução de Cidmar Teodoro Pais, in **Acta Semiótica et lingüística**, vol. 2. São Paulo: Hucitec, 1978 : 211-221.
- GURGEL, Deífilo. **Romanceiro de Alcaçus**. Natal: UFRN/PROEX/Cooperativa Cultural, Ed. Universitária, 1992.
- LIMA, Jackson da Silva. **O Folclore em Sergipe**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1977.
- MAGALHÃES, Celso de. A Poesia Popular Brasileira in **O Trabalho**, Recife: 1873
- NASCIMENTO, Braulio do. **Literatura oral: limites da variação**. Aracaju-SE: Sociedade Editorial, 1994.
- NEVES, Guilherme Santos. **Romanceiro Capixaba**. Vitória-ES: Fundação Nacional da Arte e Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983.
- PAIS, Cidmar Teodoro. Sociosemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In **Anais do V Encontro Nacional da Anpoll**. Porto Alegre: Anpoll, 1991 : 452-461.
- PIDAL, Ramon Menéndez. **Romancero Hispánico**. Madrid : Espasa-Calpe, 1953.
- PINTO-CORREIA, João David. **Romanceiro Tradicional Português**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1984.
- **Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1993.
- ROMERO, Sílvio. **Cantos Populares do Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- **Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977
- SANTOS, I. M. Fonseca dos e BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **Cancioneiro da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1993
- VILELA, José Aloísio. **Romanceiro Alagoano**. Macéio: Edufal, 1983.